



## DISCURSOS PARA/SOBRE FORMAÇÃO DO PROFESSOR, EM NEUROCIÊNCIAS

Romilda Meira de Souza BARBOSA  
(PPG/Letras/UFMS)

**Resumo:** Neste texto, objetivamos problematizar discursos de Neurociências na Educação, para interpretar as representações acerca do sujeito que a escola deseja formar. O corpus constitui-se de regularidades enunciativas em cursos de formação continuada de professores da escola pública em Mato Grosso do Sul. O dispositivo teórico-metodológico de vertente discursivo-desconstrutiva, (CORACINI, 2007), leva-nos a entrever a coexistência do sujeito do “desempenho”, capaz de protagonismo da aprendizagem, dada a plasticidade cerebral apregoada pelos neurocientíficos com sujeito do inconsciente, constitutivo da falta. O professor na angústia de sua incompletude, se move no/pelo olhar do Outro: o consumo de “verdades” oficializadas e veiculadas no espaço escolar, embora, tenha à contramão um sistema educacional engessado.

**Palavras-chave:** Sujeito; Aprendizagem; Inconsciente.

### SPEECHES FOR / ABOUT NEUROSCIENCE TRAINING

**Abstract:** In this text, we aim to problematize discourses of Neurosciences in Education, to interpret the representations about the subject that the school wants to train. The corpus is made of enunciative regularities in continuing education courses for public school teachers in Mato Grosso do Sul. The theoretical-methodological device of a discursive-deconstructive aspect, (CORACINI, 2007), leads us to glimpse the coexistence of the subject of “performance”, capable of learning protagonism, given the cerebral plasticity played by neuroscientific subjects with the subject of the unconscious, which are constitutive of the lack. The teacher, in anguish of his incompleteness, moves in / through the eyes of the Other: the consumption of official “truths” carried out in the school space, although, he has a setback system in opposition.

**Keywords:** Subject; learner; Unconscious.

### Introdução

A entrada da Neurociência na ordem do discurso escolar tem gerado discussões, sendo abraçada com euforia na Educação, como verdade capaz de dinamizar a práxis pedagógica. Da posição sujeito professor da escola pública, na formação continuada, observei regularidades



enunciativas da ordem desta “ciência” e suas contribuições para a escola, por levar à criação de propostas voltadas à aprendizagem.

Nesta esteira, vi-me instigada a tematizar a escola na contemporaneidade, para tecer algumas observações quanto ao discurso da Neurociência acerca do homem, este ser social a que escola deseja educar – o sujeito da educação, com vistas a problematizar enunciados regulares na formação de professores na rede pública de ensino, em Mato Grosso do Sul.

Se nos postulados de Comenius, conforme preconizou Pereira (2017, p. 153), já havia pistas da função da mente como a responsável pelas aprendizagens, ou seja, a emoção considerada na produção cognitiva, nos dias atuais, os estudos neurocientíficos trouxeram contribuições a ponto de alterar a concepção de sujeito cartesiano, positivista, detentor de seus discursos e responsável pelas mudanças na sociedade, ou coexiste com este mesmo discurso ainda em vigor na escola atual?

Antes de adensar minhas reflexões, creio seja necessário marcar minha posição enunciativa, mesmo porque sendo o “signo essencialmente ideológico” todo dizer vem sempre perpassado por outros, (BAKHTIN, 2010, p. 39). Assim, para estas interpretações, vou me venturar na vertente teórica discursivo-desconstrutivista (CORACINI, 2017) e analisar discurso. Noutros termos, me proponho a ler um objeto que se constitui no imbricamento entre língua(gem), sujeito e história, (PÊCHEUX, 1997), como *contunuum* de dizeres já ditos e esquecidos, porém atualizados na enunciação do sujeito.

Nesta perspectiva, o discurso, materializado, linguística e ideologicamente, sob a forma de enunciado, pode ser lido, interpretado, estabelecer sentidos, que nunca são literais e únicos, na palavra; sentidos em suas movências, podem ter sempre outros efeitos, dada a opacidade da língua, a hibridez do sujeito e a não linearidade da história, (ORLANDI, 2005). Problematizo o sentido de *neurociências* no discurso para/sobre a formação do professor, bem como a forma de representação de *sujeito*, nesse discurso.

### **Discursos e subjetividade**

À guisa de interpretação, descrevo e analiso o recorte discursivo extraído em Pereira (2017, p. 146):



Acredita-se que os **professores precisam de** um aprofundamento a respeito do que é **Neurociência**, a fim de **entender** que o processo da aprendizagem acontece no cérebro e **compreender** que **a educação** engloba aspectos biopsicológicos, filosóficos e antropológicos. (Idem, 2017, grifos meus).

Trata-se de um discurso para a formação do professor, em Neurociências, recorrente na escola, como reiteram Relvas (2017), Cosenza; Guerra (2011). Neste recorte, o enunciado *Neurociência* está singularizado, definido, representado como o objeto de desejo do professor, produto do qual “precisa” para sua completude e conseguinte capacidade de “compreensão” do complexo sistema da aprendizagem. Não é o mesmo que ocorre na conceituação de Cosenza e Guerra, (2011, p.143), onde o enunciado vem em sua pluralidade: “As neurociências são ciências naturais que estudam princípios que descrevem a estrutura e o funcionamento neurais.”

Esta imprecisão terminológica deriva das próprias condições de produção deste acontecimento na sociedade, (FOUCAULT, 2008): 1º, sua emergência, em nosso período contemporâneo, a que Bauman (2001) designou *Modernidade Líquida*, de fluidez, de efemeridade das relações, marcado pelo condicionamento das instituições ao mercado, de modo que estas se movem moldando-se a sua demanda; 2º, fortemente criticada como especulatória por cientistas tradicionais, a cientificidade da Neurociência teve de se impor escamoteando outro campo, já consagrado na Biologia, a *Neurologia*. Uma hipótese para isso, que também corresponde à lógica de consumo de novas designações, tem sido a uma referenciação insuficiente para exprimir a capilaridade deste saber/poder, (FOUCAULT, 1999), o que exigiu a troca do radical grego *-logia* (*estudo, ciência*) pelo próprio item lexical *ciência*, no enunciado, com o efeito de que tal mudança por si só validasse a função científica do campo, (BASSOLS, 2015).

Ainda na esteira da exterioridade, para falar dos sentidos do enunciado Neurociência(s) em seus jogos de singularidade e pluralidade de sentidos, quero relacioná-lo a sua popularização em suportes midiáticos, como jornais, revistas, sites, graças às tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Segundo Lévy (1999), vivemos a sociedade da informação, produto da mudança da relação entre os sujeitos, com a compressão do tempo e do espaço pelas tecnologias. Com vistas à informatividade, a mídia se tornou dispositivo da popularização da Neurociência: adotou linguagem instrumental, e, num efeito de ruptura de fronteiras entre leigos e cientistas, tornou resultados de suas pesquisas receitas, práticas e condensadas, embora soubesse da possibilidade de distorções.



Feitas estas considerações, reitero que o discurso da Neurociência, uma produção discursiva, histórica, social, seja em sua emergência, popularização ou informação para o consumo, instaurou regimes de verdades (FOUCAULT, 2012) sobre a mente humana, que implicam nas formas de representação do ser social que a escola tem por função formar.

*Neurociência* e Educação são campos distintos, tamanha a complexidade da natureza da escola, regulamentada por aspectos físicos e humanos, como família, comunidade e políticas públicas, segundo Cosenza; Guerra (2011, p.143). O ponto de aproximação entre eles é o estudo das “estruturas mentais para a aprendizagem”, (TARCITANO: 2017, p. 213). De modo geral, entrou no discurso escolar: todo e qualquer aluno é capaz de aprender; há regiões cerebrais responsáveis por determinadas aprendizagens, sendo, portanto, essencial estimulá-las o mais precocemente possível. Assim, são prescritas atividades de ensino, considerando-se a ludicidade, afetividade, linguagem, raciocínio lógico etc., na concepção de que a neuroplasticidade cerebral viabiliza a aprendizagem contínua, desde que no processo estejam inter-relacionados meio social, estímulos e motivações do sujeito, como abordam Cosenza; Guerra, (2011) e Relvas (2017).

Da perspectiva neurocientífica, a mente humana é também material, se regenera para atender a demandas de outros campos do corpo, o que lança luz sobre a aprendizagem de “deficientes” e de idosos, gerando discursos de positividade e desempenhos, porém, não é tudo que se pode ir implementando da Neurociência, é necessário cautela, admoestam Cosenza; Guerra, (2011).

Este aspecto físico do pensamento humano, no discurso da Neurociência leva uma representação do corpo e mente, ambos, como materialidade. Neste ponto, posso pensar a desconstrução (aqui entendida como interpretação, perspectiva outra, (DERRIDÁ: 2001), não como destruição de discursos existentes). Parece haver uma ruptura com o modelo de sujeito cartesiano, resultado da junção matéria e espírito, dual, psicologizante. Este ser logocêntrico, da supremacia da razão, sujeito que rege o seu dizer, por conseguinte, seus desejos e identidades não se sustenta mais no contexto da contemporaneidade, (CORACINI: 2015).

Se o saber se institui discursivamente, tal como procurei, exemplificar em meus “tateamentos” na análise do discurso da Neurociência aqui empreendida, o sujeito também se constitui afetado pelos discursos em sua relação com a exterioridade. Cada época, formas distintas de representação do ser social que a escola tem por função educar, embora nem sempre ocorra a



simultaneidade neste movimento entre escola e acontecimentos e isso é outra questão que não compete aqui adensar porque engloba fatores diversos, não sendo este o meu objetivo.

### **Gestos de leitura: (in)conclusões**

A interpretação é sempre passível de outros sentidos. Assim, nestes gestos (in)conclusos de leitura, reitero a questão dos sentidos nos discursos, seus efeitos e movimentos contínuos: nesta sociedade contemporânea, há de se postular um sujeito igualmente heterogêneo, multifacetado, de identidades fluidas, um ser que se constitui no discurso em suas relações com acontecimentos sociais.

Posso entrever uma representação de tal sujeito no discurso recortado em Pereira (2017, p.146), em que destaquei os itens lexicais “professores precisam Neurociência [para] entender e compreender educação”, como marcas discursivas de sujeito constitutivo da falta, para quem a incompletude é produtiva porque o leva ao desejo, a mover-se sempre na/pela alteridade, no/pelo olhar do Outro, seja do aluno, seja instituição, (CORACINI, 2015).

Convém reiterar que em Neurociência, o *logos* também tem materialidade, é físico, como um corpo – uma representação de sujeito singular; a atribuição de um caráter material à mente humana, aquece positivamente com os discursos motivacionais. Efeitos de sentido possíveis deste discurso são da ordem da instauração de um novo regime de verdade: a nossa escola, neste século XXI, veicula e valida o discurso de uma sociedade de desempenho, (HAN, 2015).

Nesta ótica, o homem é sujeito da produção, empreendedor de si mesmo; fato que demanda pensá-lo como também protagonista, agente na construção de sua aprendizagem, tal como se pode observar no discurso para/sobre formação em neurociências, na formação continuada de professores da escola pública, cujas propostas são norteadas pela “aprendizagem pela pesquisa” (DEMO, 2008) e “metodologias ativas”, por exemplo.

Não cabe aqui adensar, mas parece haver destoamento entre o discurso da formação e o sistema escolar vigente, que mantém-se o mesmo em suas estruturas; no entanto, neste lócus, está o professor, sujeito do inconsciente, para quem o discurso da formação continuada indica mais uma falta: a falta do conhecimento em neurociência. A angústia desta incompletude o move ao desejo, nem que seja do consumo de cursos, cujos discursos com roupagens de científicos, além



não suprir sua falta de aprimorar sua práxis, tem a favor de si o próprio sistema educacional engessado.

## Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.
- BASSOLS, Miquel. *As neurociências e o sujeito do inconsciente*. [Transcrição e tradução: Heloisa Shimabukuro, Estabelecimento de texto: Heloisa Caldas e Elisa Monteiro]. Revista Opção Lacaniana online nova série. Ano 6. Número 17, julho 2015. Disponível em <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_17/As\\_neurociencias\\_e\\_o\\_sujeito\\_do\\_inconsciente.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_17/As_neurociencias_e_o_sujeito_do_inconsciente.pdf)>. Acesso em 26 de set. 2018.
- CORACINI, M. J. R. F. *A celebração do outro*. Campinas: Editora da Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2007
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Ed. Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. Representações de professor: entre o passado e o presente. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.23, n.1, p.132-161, jan./jun.2015. Disponível em <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em 29 de set. 2018.
- COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. 14. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. Trad. Luis Felipe Baeta Neves. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Editora Vozes. 1.Ed. 2015.



ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F., HAK, T. (orgs) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª. Edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

\_\_\_\_\_. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PEREIRA, Mary Sue Carvalho. Cérebro e Educação: aspectos que perpassam nas teorias da aprendizagem. In. RELVAS, Marta Pires (Org.) *Que cérebro é esse que chegou à escola? –as bases neurocientíficas da aprendizagem*. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p 145-160.

RELVAS, Marta Pires. (Org.) *Que cérebro é esse que chegou à escola? –as bases neurocientíficas da aprendizagem*. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017.

TARCITANO, Luiz Antonio Costa. Neuroplasticidade cerebral e aprendizagem. In. RELVAS, Marta Pires (Org.) *Que cérebro é esse que chegou à escola? –as bases neurocientíficas da aprendizagem*. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 211-227.